



## O TEMPO NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES, PRIMEIRAS IMPRESSÕES

### *THE TIME IN ARISTÓTEL'S PHILOSOPHY, FIRST IMPRESSIONS*

**BITENCOURT, Daniella<sup>1</sup>**

#### **RESUMO**

Pretende-se nesse artigo abordar de forma sucinta os aspectos teóricos relacionados às reflexões sobre o tempo, realizados por Aristóteles no seu Livro IV da Física. Indagações tais como: o tempo existe? O que é? É possível conceituá-lo? Para que serve? É contado? O tempo é relativo? Por que muitos percebem o tempo de forma diversa? Existe mais de um tempo? É o mesmo em todos os lugares? A questão do tempo sempre foi objeto de questionamentos, Aristóteles como pensador à frente de seu tempo tentou solucionar a questão sobre o conceito de tempo. Afirma que no tempo existem instantes que não podem coexistir, isto porque todo o instante é excluyente de qualquer outro e o presente que não vira passado chama-se eternidade. Contudo, eternidade é uma duração sem princípio nem fim. Logo, podemos afirmar que no tempo coexistem tempos que nunca começaram e nunca terminarão? Aristóteles afirma ainda que, apesar das aporias postas, o tempo é uma realidade uniforme dotada de movimento, são os chamados “agoras”. Então, o tempo seria um conjunto de “agoras”? Esse texto está dividido em duas partes: o agora e o movimento e seu objetivo é apenas um panorama geral da problemática de modo a instigar o leitor sobre o tema.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Tempo. Eternidade. Agoras.

#### **ABSTRACT**

In this article we will briefly discuss the theoretical aspects related to the reflections on time made by Aristotle in his Book IV of Physics. Inquiries such as: does time exist? What is? Is it possible to conceptualize it? What is it for? Is it counted? Is time relative? Why do many perceive time differently? Is there more than one time? Is it the same everywhere? The question of time has always been the subject of questioning, Aristotle as a thinker ahead of his time tried to solve the question about the concept of time. He affirms that in time there are moments that can not coexist, because all the moment is exclusive of any other and the present that does not turn past is called eternity. However, eternity is a duration without beginning or end. So we can say that in time coexist times that never began and never end? Aristotle further states that, despite the aporias put, time is a uniform reality endowed with movement, they are the so-called "agoras". So time would be a set of "now"? This text is divided into two parts: the now and the movement and its objective is only an overview of the problematic in order to instigate the reader on the subject.

**Keywords:** Aristotle. Time. Eternity. Now yes.

<sup>1</sup> A autora é advogada e professora de Direito Tributário nas Faculdades Anhanguera, especialista em Direito Tributário Geral pela Mackenzie/SP e em Impostos em Espécie pela UFRGS. O presente artigo é fruto de uma cadeira de filosofia antiga do Mestrado na UFRGS, coordenada pelo Prof. Dr. José Carlos Baracat Júnior. Professora de Direito Tributário e Ética na Universidade Anhanguera/RS. E-mail: daniellabitencourt4@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3954341476725855>.



## Introdução

### O tempo na filosofia, primeiras impressões

O tempo existe? O que é? É possível conceituá-lo? Para que serve? É contado? O tempo é relativo? Por que muitos percebem o tempo de forma diversa? Existe mais de um tempo? É o mesmo em todos os lugares?

Diversas indagações sobre o tempo sempre fizeram parte da nossa realidade, aliás, o assunto “tempo”, no sentido meteorológico ou filosófico sempre fez parte do nosso cotidiano, em que pese o fato de que, muitas vezes, não tenhamos a exata intelecção do assunto.

Não obstante, todos percebem o tempo e seus efeitos. Ou será que percebemos simplesmente algo que se convencionou chamar de tempo?

Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Plotino igualmente se preocuparam com o tema, são referências no estudo em apreço, elaborando reflexões que são marco sobre o assunto. Contudo, aqui nos ateremos a Aristóteles.

Importante constar que o texto que se segue trata-se apenas de reflexões iniciais sobre o tempo, impressões colhidas do Curso de Filosofia Antiga da UFRGS, coordenado pelo Prof. Dr. José Carlos Baracat Júnior.

Assim, não temos o objetivo de aprofundar ou lecionar sobre a matéria, talvez, quando muito, instigar o leitor que, assim como nós, poderá apaixonar-se pelas ideias geniais desses filósofos em relação ao tempo.

Frisa-se, portanto, que a problemática do tempo, em especial o seu estudo em Aristóteles, é extremamente complexa e exige, para uma análise aprofundada, o domínio de um verdadeiro vocabulário próprio firmado pelos pensadores, e que não é nosso objetivo nessa apresentação.

### Breve análise - Aristóteles e o tempo

Aristóteles ocupa-se principalmente sobre o tempo no seu Livro IV da Física. Inicia a obra questionando se o tempo existe e qual sua natureza, ou se não subsiste por si próprio, já existiu e não mais vigora, ou existirá e ainda não existe.

Em seguida ao que foi dito, tratemos destas questões sobre o tempo. Em primeiro lugar, deve-se percorrer bem os impasses sobre ele, e expor, por meio dos discursos exotéricos, se ele está entre as coisas que existem ou entre as que não existem e, então, saber qual é a sua natureza. Que o tempo, portanto, não existe de modo absoluto ou que existe apenas dificultosa e indistintamente, e poderia vir a ser suposto a partir disto: por um lado ele já deixou de existir e não existe mais, por outro ele, existirá, mas ainda não existe. E disto é composto tanto o tempo ilimitado quanto o que se apreende a cada vez. Mas, sendo composto dessas coisas que não existem, pareceria impossível que ele participasse da essência<sup>2</sup>.

Antes de responder o seu maior questionamento – se o tempo existe, passa primeiro a analisar o entorno que vige sobre o tempo.

Afirma que no tempo existem instantes que não podem coexistir, isto porque todo o instante é excludente de qualquer outro. O que pode ser o presente que não vira passado? Eternidade<sup>3</sup>.

Contudo, eternidade é uma duração sem princípio nem fim. Logo, podemos

<sup>2</sup> PUENTE, Fernando Rey e BARACAT, José Júnior (Organizadores). *Tratados sobre o tempo, Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2014. P. 23.

<sup>3</sup> BARROS, Clóvis Filho. *Tempo e Temporalidade*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RJ50aepQXT4>>. Acesso em 26.06.2016.



afirmar que no tempo coexistem tempos que nunca começaram e nunca terminarão?

O filósofo introduz a noção clara de eternidade que não tem relação com o tempo, é um modo do ser, daquilo que é. Tudo o que se pode ser no mesmo momento, apreensão total do objeto de conhecimento, algo que tem sua existência inabalável, sempre idêntica, sem nenhuma variação. Lembrando que essa noção não se confunde com o conceito de perpetuidade.

### Agora

Aristóteles menciona os instantes como agora. O agora seria responsável por dividir o tempo (afirmando, portanto, que ele é passível de divisão) sem ser parte do tempo em si. Vejamos:

O agora, contudo, não é uma parte do tempo, porque a parte mede o todo e é preciso que este seja composto de suas partes, mas o tempo não parece ser composto de agoras. Além disso, não é fácil saber se o agora, que manifestamente determina o passado e o futuro, permanece sempre um ou é a cada vez distinto. Com efeito, se ele é a cada vez diverso e de modo algum partes distintas entre si podem ser simultâneas no tempo (exceto se uma contém e a outra for contida, como o tempo mais breve é contido pelo mais longo) e se o agora que não existe neste momento, mas o que existiu antes deve necessariamente ter se corrompido em um momento qualquer, então, tampouco os agoras serão simultâneos entre si. Mas é necessário que o agora anterior a cada vez já tenha se corrompido para que surja um outro. Um agora, certamente, não pode se corromper em si mesmo, pois é então que ele existe; tampouco é possível que o agora anterior seja corrompido em outro agora. Com efeito, é impossível que as agoras sejam contíguas uns em relação aos outros, como também é impossível que um ponto o seja em relação ao outro ponto. Se é verdade, por conseguinte, que o agora não é corrompido no agora sucessivo, mas em

outro agora, ele existiria então em simultaneidade com os ilimitados agoras intermediários, porém isto é impossível. Ao contrário, tampouco é possível que o agora permaneça sempre o mesmo. Nada, com efeito, que é dividido e limitado possui um único limite, nem se for contínuo em uma direção, nem se o for em mais de uma direção. O agora, entretanto, é um limite e é possível apreender um tempo delimitado. Além disso, se o ser simultâneo segundo o tempo e não ser anterior ou posterior é existir no mesmo e único agora e, se as coisas anteriores e posteriores existissem neste agora, então, os acontecimentos ocorridos há 10 mil anos seriam simultâneos aos hodiernos e nenhum desses acontecimentos seria anterior, posterior ou distinto um do outro.<sup>4</sup>

Aristóteles afirma ainda que, apesar das aporias postas, o tempo é uma realidade uniforme dotada de movimento.

Nesse sentido, Platão, no diálogo que desenvolveu entre Sócrates, Timeu, Hemócrates e Crítias, denominado de Timeu, influenciou dentre outros, também Aristóteles ao estabelecer o conceito de tempo:

[...] Então, pensou em construir uma imagem móvel da eternidade, e, quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo<sup>5</sup>.

O tempo, por conseguinte, refletiria imperfeitamente a ordem, seria o movimento regular e contável do mundo inteligível. O tempo seria a nossa maneira de perceber, em teoria, a harmonia do mundo inteligível.

Porém, Aristóteles questiona: de que maneira o tempo pode ser uma imagem

<sup>4</sup> Idem ref. 2, p. 24/25.

<sup>5</sup> Lopes, Rodolfo (Tradução do Grego, introdução e notas). Platão. Timeu-Critias. 3ª Edição. Editora: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. P.109.





móvel da eternidade uma vez que não posso apreender o agora?

Desse modo, o que é presente? Quando ocorre o presente? Todo o presente já é passado e todo futuro ainda não é, então será o tempo uma sucessão de agoras?

Assim, conforme bem esclarecido por Rémi Brague (2006, p.15): “O Timeu, em compensação, parece se abrir como um refugio cômodo, devido ao seu estilo menos especulativo e, sobretudo, porque ele tem ao menos a vantagem de fornecer uma definição para esse conceito”. Todos a conhecem e a citam: o tempo é, segundo uma fórmula que condensa os próprios termos do diálogo, “imagem móvel da eternidade”. Essa definição, sem dúvida, não é clara em si, e toda a tradição de comentadores de Platão, até os nossos dias, procurou elucidá-la. Contudo, embora seu sentido não seja óbvio, a definição foi forjada com suficiente clareza para que possa se apresentar como uma fórmula doxográfica.

Aristóteles, como é sabido, não compartilhava da noção da dualidade de mundos posta por Platão, embora os pensamentos do seu mestre o tenham influenciado sobremaneira.

Desse modo, em suma, o agora exerce uma função essencial na explicação do tempo. Têm um papel específico de delimitar os momentos, cada agora é diferente do outro, um antes e outro depois, e assim se sucedem os agoras, inteiramente ligado ao movimento.

## O movimento

A filosofia de Aristóteles sobre o tempo está atrelada ao conceito de movimento. Alega que não haveria tempo sem que houvesse movimento, todavia, esclarece de forma contundente que o tempo não é o movimento, o tempo é o número do movimento, contém uma ação que pode ser contada:

Vol. 11, Edição 18, Ano 2016

[...] Sendo assim, é manifesto que não há tempo sem que haja movimento e mudança. É evidente, portanto, que o tempo não é um momento, mas que tampouco existe sem um movimento.

Porém, visto que investigamos o que é o tempo, deve-se apreender, principiando daqui, o que ele é do movimento. Com efeito, percebemos simultaneamente movimento e tempo, e, de fato, se, enquanto estiver escuro, nós não formos afetados por nada através do corpo, mas se houver certo movimento na nossa alma, imediata e simultaneamente parece-nos que algo passou, isto é, um tempo. Mas, na verdade, quando certo tempo parecer ter passado, simultaneamente parece ter ocorrido também certo movimento. Por conseguinte, o tempo seguramente é um movimento ou algo do movimento. Visto, portanto, que ele não é um movimento, é necessário que ele seja algo do movimento.

Dado que o movido se move desde algo para algo e que toda grandeza é contínua, o momento segue a grandeza. Com efeito, por causa de a grandeza ser contínua, também o movimento é contínuo e, por causa de o movimento o ser, também o tempo o é, pois sempre parece haver passado tanto tempo quanto o movimento ocorrido.

[...]

Quando, portanto, nós percebemos o agora como um – e não como anterior e posterior no movimento ou como o mesmo de um anterior e também de certo posterior – não parece haver passado nenhum tempo, porque tampouco parece ter ocorrido algum movimento. Mas, quando nós percebemos o anterior-posterior, então nós falamos de tempo. Com efeito, isto é o tempo: número de um movimento segundo o anterior-posterior.

Logo, o tempo não é pura e simplesmente o movimento enquanto possuiu um número. Um indício disto: nós distinguimos o mais e o menos por meio de um número; um movimento maior ou menor, contudo, nós o distinguimos por meio de um tempo. O tempo é, então,



certo número. Dado que número se diz de dois modos (pois chamamos número tanto o numerado e o numerável quanto aquele por meio do qual se numera), o tempo, por conseguinte, é o número numerado e não aquele por meio do qual numeramos. E o número por meio do qual numeramos é diverso do número numerado.

E assim como o movimento é a cada vez distinto, assim também o tempo o é (simultaneamente, contudo, todo tempo é o mesmo, pois agora, que ocorre em um momento qualquer, é o mesmo, embora o ser seja diverso. Enquanto anterior-posterior o agora mede o tempo)<sup>6</sup>.

Aristóteles afirma também que o tempo é um número, um número numerado, algo que pode ser cortado e contado. Este pode numerar várias coisas, inclusive o tempo.

Logo, o tempo acompanha o movimento que acompanha a grandeza do móvel.

O movimento existe independente da alma, porém a alma que conta o tempo, não há tempo sem alma apesar de a alma não estar no tempo.

Aristóteles, ao refletir sobre o tema, tem êxito ao verbalizar a dificuldade lógica de conceituação do tempo, problema que persiste até hoje sem solução satisfatória.

Mas aquilo que, sim, é importante - e, por conseguinte de que é preciso tomar bem consciência - é que, primeiro, só há tempo onde e quando houver movimento e, em seguida, que o próprio «antes e depois» já pertence ao movimento e não é por conseguinte a forma própria de um tempo que se lhe acrescentaria<sup>7</sup>.

Por fim, não concluiu se o tempo está entre as coisas que existem, não obstante, seus questionamentos são vitais para a elucidação da problemática do tempo, **que**

**permanece** sem efetiva resposta sendo objeto fundamental de estudo sobre a matéria.

## Conclusão

Feitas tais considerações, vê-se que o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois, ou seja, o tempo contém movimento, mas não o é. Isto porque existem vários movimentos, uns mais lentos outros mais rápidos, mas o tempo é um só em toda a parte.

O tempo é delimitado por ágoras, porém o agora também não é o tempo.

O tempo é o número numerado cuja existência depende da vida da alma.

Logo, o tempo continua sendo um grande mistério motivador do pensamento, e trata-se de uma instigante aporia.

## Referências

BARROS, Clóvis Filho. **Tempo e Temporalidade**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RJ50aepQXT4>>. Acesso em 26.06.2016.

BRAGUE, Remi, **O tempo em Platão e Aristóteles**. Ed, Loyola, 1982.

LOPES, Rodolfo (Tradução do Grego, introdução e notas). **Platão. Timeu-Critias**. 3º Edição. Editora: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

PUENTE, Fernando Rey; BARACAT, José Júnior (Organizadores). **Tratados sobre o tempo, Aristóteles, Plotino e Agostinho**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2014.

REIS, José. **Revista Filosófica de Coimbra** nº. 9. 1996.

<sup>6</sup> Idem 1, p. 27 a 29.

<sup>7</sup> REIS, José. Revista Filosófica de Coimbra nº. 9. 1996. p. 143.